



LETRAMENTO, LEITURA E PRODUÇÃO: CONTO POPULAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Elinalva Roseno dos Santos Silva de Abreu

Universidade Estadual da Paraíba – elyroseno@yahoo.com.br

Resumo: Esse trabalho apresenta uma breve discussão acerca dos conceitos de alfabetização e letramento, e também de teoria sobre a leitura e produção de texto no âmbito escolar. Ressalta a alfabetização e letramento como processos distintos e interdependentes e que podem ocorrer ao mesmo tempo, porém, para que tal aconteça é preciso que o/a aluno/a esteja inserido numa importante estratégia didática, a diversidade textual, para aprender leitura e produção textual com sentido e direcionamento. Em aulas de língua portuguesa, com o sexto ano realizamos um trabalho com o gênero conto popular, e a subsequente produção de texto, em uma escola pública de Alagoa Grande/PB. A metodologia, de caráter qualitativo, está baseada no paradigma interpretativista e a fundamentação teórica dialoga principalmente com autores como Soares (1998), Kleiman (2002), Rojo (2009), Gil Neto (1996) e Koch (2000). Em relação à análise das aulas, ficou claro que o uso do gênero conto popular, possibilitou compreender que priorizar o letramento viabiliza um ensino-aprendizagem significativo em leitura e escrita, pois estimula o cognitivo dos discentes e possibilita conhecer diversas linguagens e usá-las com criatividade e motivação como verdadeiros instrumentos de expressão do nosso pensamento.

Palavras-chave: Letramento, Leitura/Produção de Texto, Ensino.

1INTRODUÇÃO

Na atualidade percebemos que o trabalho com leitura tornou-se uma preocupação constante para a maior parte dos professores e em decorrência disso também se transformou em discussão permanente nas universidades.

Inseridas nessas discussões temos aquelas, que em específico, englobam os termos alfabetização e letramento, visto que estes ainda perpassam por muitos equívocos no que se refere aos seus conceitos. Letramento é um termo que foi introduzido muito recentemente em língua



portuguesa, pois foi a partir dos anos oitenta, que tal palavra começou a ser utilizada com frequência, por especialistas das áreas da Educação e das Ciências Linguísticas, seja em seus discursos orais, seja em seus escritos. Aqui, o objetivo é promover uma breve discussão acerca dos conceitos de alfabetização e letramento, como também sobre a leitura e produção de texto no âmbito escolar e apresentar o desenvolvimento no sexto ano do ensino fundamental de um trabalho em leitura e produção textual com o gênero conto popular, em uma escola pública de Alagoa Grande, no estado da Paraíba.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Alfabetização e Letramento: algumas noções

A partir da década de 1990, em especial, o conceito de alfabetização passou a ser associado ao fenômeno do letramento. Conforme Soares (1998) a palavra letramento é a tradução para o Português da palavra de língua inglesa *literacy*, cujo significado seria o estado ou condição que apresenta aquele que aprende a ler e a escrever, ou seja, aquele que consegue de forma adequada interagir às intensas demandas sociais, mediante a diversidade e amplo uso que se faz da leitura e da escrita.

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse [...], habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou para fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2003, p. 92).

Ao conceituar alfabetização, Soares (2003) assevera que é “levar à aquisição do alfabeto”, uma vez que seria ensinar o código da língua escrita, com as habilidades para ler e escrever. Desse modo, alfabetizado seria o indivíduo que aprendeu a ler e a escrever, porque adquiriu a “tecnologia” da leitura e da escrita, e isto possibilita o codificar e o decodificar em língua escrita.

Nesse sentido, define-se alfabetização – tomando-se a palavra em sentido próprio - como processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico), habilidades motoras de manipulação de

instrumentos e equipamentos para que a codificação e decodificação se realizem, isto é, a aquisição de modos de escrever – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler, habilidades de uso de instrumentos de escrita [...], habilidades de escrever ou ler seguindo a direção correta na página [...], habilidades de organização espacial do texto na página, habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel, sob diferentes representações e tamanhos [...]. Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte da ciência da escrita. (SOARES, 2003, p.91)

É essencial para que a alfabetização ocorra, para que o discente, criança ou adulto, compreenda que o nosso sistema de escrita é alfabético, é composto por letras que somadas constituem-se em palavras e também que a língua escrita não é mera representação da língua falada, visto que de acordo com Soares (2003), o discurso oral e o discurso escrito são estruturados de forma diferente.

Magda Soares (2003) ressalta também à questão da alfabetização e do letramento como processos distintos, de naturezas intrinsecamente diferentes; mas frisa que os mesmos são interdependentes e mesmo indissociáveis, visto que uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, como também pode acontecer o contrário – ser letrado, mas não ser alfabetizado.

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita carta para que um alfabetizado escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto, é de certa forma letrado, por que faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe o uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada. (SOARES, 2003, p.93).

Por sua vez, Kleiman (2002) destaca acerca do letramento, quão negativo é o papel da escola, quando prioriza apenas uma prática deste, a “alfabetização” e esquece seu papel primordial de “prática social” e destaca isso, quando assevera:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. [...] a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramentos muito diferentes. (KLEIMAN, 2002, p.20). (grifos da autora)



Após esclarecermos e definirmos algumas noções acerca das terminologias alfabetização e letramento vejamos a quais conceitos aderimos neste nosso trabalho para leitura e produção de texto, que o embasam teoricamente.

2.2 Letramento e leitura: uma simbiose para a aprendizagem

Leitura, de modo geral é uma apreensão da realidade; que se revela ao leitor através de variadas linguagens. Assim a questão da leitura está além do ato de ler somente o escrito, pois uma criança que olhar uma gravura, buscando um significado, está praticando leitura; como também o motorista que decodifica os sinais de trânsito; uma pessoa que “Lê” um sujeito de arte, situações, outras pessoas e o próprio mundo. Conforme vemos em Martins (1994, p. 7-8).

“Falando em leitura, podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura de livros. [...] sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará, porém decodificar palavras para acontecer à leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente ‘fazer a leitura’ de um gesto, de situação; [...] ‘ler o olhar de alguém’, ‘ler o tempo’, ‘ler o espaço’, indicando que o ato de ler vai além da escrita?”

As novas leituras vão depender da construção de sentidos e da realização de inferências, já que por meio de nossa ligação com as pessoas, as circunstâncias, aos objetos, ou seja, ao mundo em geral, descobrimos um novo sentido, diferente daquele que passávamos. É importante conquistar, seja em que tipo de leitura for, a todo instante nossa capacidade de ler, aprender, contextualizar, criticar cada texto, objeto ou situação apresentados em nossa vida. Aprender a ler é compreender o que, e a quem nos cerca. Sobre esta acepção, o PNC – Língua portuguesa, Brasil, (1997, p. 53), afirma que:

A Leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe, sobre a língua característica do gênero, do portador do sistema da escrita, etc.

A prática de leitura é ato fragmentado e, ao mesmo tempo, presente todo o tempo de nossa vida por meio das experiências vivenciadas. Os estudos da linguagem vêm revelando que aprendemos a ler antes mesmo de irmos para a escola, apesar da idéia de que só se aprender a ler no ambiente escolar, com um professor que siga essa ou aquela proposta (construtivista, tradicional, etc.). Na realidade, apegados a essa concepção, são gerados os problemas de aprendizagem, cujo início ocorre na alfabetização e que deixará problemas para o aluno durante toda (ou pelo menos em boa parte) de sua vida escolar, pois a maioria das propostas causa mais confusão do que ajudam na

aquisição do processo da leitura/escrita. Para Rojo (2009, p.60) o “fracasso escolar se dá justamente no conflito irresolvido desses letramentos.”

Com isso não queremos dizer que se deve deixar o aluno sozinho e sem base na descoberta do ato de ler, mas que na maioria das vezes possamos dar condição para que ele aproprie-se do conhecimento sistematizado e que desta maneira se torne, ele próprio, um produtor de conhecimento acerca da aquisição da leitura e da escrita, usando seu conhecimento de mundo, pois segundo Paulo Freire (1986, p. 22) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

A leitura e a escrita são tarefas que a sociedade atribuiu a escola. Uma criança que vive em um ambiente que favorece a leitura terá uma passagem relativamente tranqüila pela escola, onde o professor dará continuidade a essa tarefa já iniciada. Porém, se a criança vem de um ambiente no qual não existe a prática de leitura, torna-se a escola responsável pelo início e continuidade desse hábito. Com relação a essa tarefa, a escola às vezes, parece fracassar. Já que grande parte do alunado não consegue iniciar-se na leitura, fazer dela um instrumento que lhes possibilitem interpretar a realidade e nela atuar.

É fundamental que o professor trabalhe de forma motivadora todos os tipos de leitura, respeite as diferenças de ritmos, as produções escritas do aluno, entendendo que os “erros” cometidos são tentativas de acerto, pois os “erros” deste não devem ser encarados como uma experiência de fracasso. Deve também incentivá-lo e permitir o contato dele com material escrito (muitas vezes inexistentes em sua casa), pois através do contato com vários gêneros textuais a criança constrói suas idéias sobre o sistema de escrita que usamos. A escola deve aproveitar ao máximo a experiência de cada aluno, sua vivência e conhecimento como ponto de partida do processo daquilo que o aluno já traz, embora a escola menospreze essas experiências (interesses, vocabulário, visão da realidade), que compreende como sendo sua função básica ensinar a ler e escrever, pois valoriza mais a leitura do texto escrito e os mecanismos básicos da escrita, esquecendo os outros tipos de leitura e aprendizagem essenciais na alfabetização. Vejamos o que afirma Kleiman (2002, p. 13):

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto.

É impossível extrair informações do texto escrito decodificando apenas letra por letra, palavra por palavra. O conhecimento da língua é indispensável e já devemos tê-lo antes de o usarmos na leitura do texto, pois ele faz parte do conhecimento que temos armazenado na memória,



ao qual denominamos de conhecimento prévio. Para se fazer uma boa leitura, o leitor não só se utiliza da informação visual e não visual, como também do conhecimento prévio, linguístico, não linguístico e de mundo, Kleiman (2002).

O trabalho com a leitura é uma dura luta com três frentes diferentes assevera Zilberman (1985): ler para gostar de ler, ler para conhecer a língua e ler para conhecer o mundo. O ler para gostar de ler, a leitura-prazer: leitura com finalidade de divertimento, de gozo. O ler para conhecer a língua: leitura com a finalidade de construir o conhecimento mais direcionando a disciplina de português. O ler para conhecer o mundo seria o momento de desvendar, de descobrir os conhecimentos culturalmente construídos, enfim de saber mais e melhor das coisas que existem no mundo, em todas as áreas do conhecimento humano.

3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DE LETRAMENTO LITERÁRIO

3.1 Letrando em produção de texto: uma experiência com o conto popular

A aprendizagem do uso da língua escrita está baseada no ideal de que o homem se faz mais livre por meio da palavra. A prática educativa da produção de textos escritos liberta o homem, porque o torna um sujeito transformado, fazendo-o acordar da indiferença para a participação, por meio das discussões entre o uso do conhecimento adquirido, a decodificação de símbolos e uma intensa busca sobre os porquês do seu eu e do mundo em que está inserido. Platão e Fiorin (1999) apresentam a palavra texto como algo muito familiar para aqueles que são ligados ao ensino, pois aparece com frequência no cotidiano escolar, tanto dentro quanto fora da escola e são utilizadas em expressões bastante recorrentes com a palavra texto e por isso todo leitor tem alguma noção acerca do significado deste.

Durante muito tempo e ainda hoje a escola trabalha a produção textual como uma atividade meramente escolar separada das vivências do dia-a-dia do aluno, tornando-se assim uma atividade desinteressante e nada agradável. Os textos produzidos não fazem parte do mundo do aluno, não condizem com sua realidade e nada mais são do que exigências do professor de Língua portuguesa que sempre “cobra” uma *redação*, que se apresenta como verdadeira tortura, porque após ser recolhida passa pelo processo do “cata-erros”. Depois é devolvida com incontáveis correções gramaticais e ortográficas e uma nota (quase sempre baixa) e que tem por destino certo, na maioria das vezes, a lixeira da sala de aula. A redação aqui só tem uma finalidade (nota-avaliação) e na

questão sobre linguagem, esta não é uma prática adotada e tampouco o professor se dará ao trabalho de desenvolver atividades com o objetivo de superar os problemas detectados durante a correção. Contudo, a escola brasileira ensina o aluno a transcrever, a registrar e não o incentiva a criar Gil Neto (1996).

As aulas de Português têm de dar importância para o relevante, que é ler e escrever. Escrever as coisas mais variadas possíveis o que não tornará todo o mundo bom em tudo, mas, depois é uma questão de prática. E nada impede a alguns alunos de escrever poemas, outros narrativas, outros dissertações, porque, afinal, é o que eles gostam de fazer. Mas, também devem aprender a escrever resumos, resenhas, cartas e outros tipos de textos. (POSSENTI, 2001, p. 17)

Em consonância com Possenti apresentamos neste trecho a atividade desenvolvida em sala, cuja escolha se deu pelo interesse dos discentes. Então aproveitamos o ensejo e trabalhamos com o conto popular “Os dois papudos”, de Ruth Guimarães.

Para iniciar a atividade, falamos um pouco sobre os contos que eles conheciam, e falamos sobre as histórias que os avós de alguns contam sobre assombração, encantados, etc. e explicamos sobre o gênero conto popular. Lemos a biografia da autora Ruth Guimarães e depois entregamos as cópias do conto aos mesmos, que tiveram um momento para ler. Esta atividade foi muito instigante, as crianças se sentiram parte do processo de composição da atividade, já que foram eles que pleitearam contos de “assombração”, de magia para aula. Utilizamos-nos aqui da sequência básica do letramento literário de Rildo Cosson (2014): motivação, introdução, leitura e interpretação. E acrescentamos a produção textual no molde que preconiza Gil Neto (1996).

Podemos relatar a experiência de um dos alunos que tem dificuldade com a leitura oral, visto que além de tímido, apresenta um pouco de gagueira quando fica nervoso. Entretanto nessa aula em especial percebemos o seu envolvimento, foi o primeiro a ter iniciativa de ler à narrativa, na nossa leitura intercalada, em que a maioria participa.

Depois da leitura, em outra aula propomos a produção de um conto de assombração e o aluno que também tinha certa dificuldade em desenvolver as produções textuais, foi o primeiro a começá-la. Todos/as os/as alunos/as se mostraram atentos e desenvolveram as atividades com muito empenho e saíram muitos contos com a assombração local, “Comadre Fulôzinha”.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apesar de produzirem os textos individualmente, os alunos sentam sempre em grupos para leitura (duplas ou trios), as discussões são feitas também em grupo. Cada discente trabalha de



acordo com seu nível cognitivo e alguns ainda apresentam problemas do processo de alfabetização (de aquisição da língua escrita), porém a maior parte já lê e escreve com desenvoltura.

O processo de correção das atividades foi embasado na construção da escrita e a questão do erro é vista como tentativa de acerto e não como algo negativo. A cada vez que um aluno escreve de forma inadequada ou tenta escrever alguma palavra e não é bem sucedido, nos achegamos a ele pedimos para que leia o que está escrito e identifique o que está faltando na palavra ou se há a troca das letras. Também utilizamos bastante dicionários para estimular a pesquisa e autocorreção por parte dos discentes.

As atividades que propusemos objetivaram o enriquecimento cultural, lingüístico, e também o desenvolvimento do hábito da leitura e da produção textual. Em nossas aulas de língua portuguesa sempre tentamos trabalhar com uma diversidade de gêneros textuais, que estimulem o hábito de leitura e, por conseguinte a escrita dos discentes. E com a realização desse projeto acreditamos que conseguimos estimular o gosto pela leitura, não apenas de contos, mas de gêneros oriundos da cultura popular como poemas, cordel, dentre outros.

Certamente, no momento em que o professor compreende que os textos são resultantes da expressividade verbal de indivíduos inseridos e atuantes em uma sociedade, ele obterá êxito no trabalho de produção textual. Estes textos possuem uma função social determinada (KOCH, 2000): transmitir ao conhecimento da comunidade local a sua forma de pensar, seu posicionamento mediante o mundo e expressar as transformações para que haja maior conformidade entre os dois mundos, isto é, o mundo das crianças e jovens e o mundo muitas vezes complicado dos adultos.

A escola, hoje, precisa assumir o seu papel de formadora, de construtora de leitores e produtores de textos, não para explorar suas disciplinas através da leitura e escrita, mas para abrir as portas do mundo através dela, gerando pessoas-leitoras, letradas que estarão através dos conhecimentos apreendidos, aptas para exercerem sua cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que se propõem atividades de leitura é fundamental que o (a) professor (a) trabalhe com diferentes gêneros que circulem na sociedade, e que permitam criar situações de desenvolvimento das diferentes capacidades envolvidas no ato de ler. Além de ensinar a ler,



devemos ensinar a avaliar e estimular capacidades, leituras de várias ordens: capacidades de decodificação, de compreensão, de apreciação e respostas do leitor em relação ao texto.

Diante dessa nova prática de leitura e escrita em sala de aula, os alunos serão capazes de localizar informações, relacionar e integrar partes do texto, de deduzir informações implícitas de refletir sobre os sentidos do texto, de perceber relações com outros contextos, assim como gerar novos sentidos para o texto lido e que produziram e de dar valor ao que lêem de acordo com seus próprios critérios.

À medida que o indivíduo se familiarizar com usos e funções de escrita e leitura, e não é apenas alfabetizado, passa a compreender textos mais complexos, seu nível de letramento avança, já que ela aprende a lidar com variados materiais de leitura e escrita e desenvolve procedimentos que caracterizam um bom leitor capaz de vencer novos desafios que a sociedade urbanizada e globalizada exige.

Com essas reflexões esperamos ter contribuído para o conhecimento acerca da alfabetização, letramento, leitura e produção textual pelo uso do conto popular na escola. Acreditamos em mudanças no âmbito escolar e conseqüentemente na sociedade brasileira, a fim de que possamos tê-la mais justa e igualitária e formando cidadãos letrados, que busquem conhecer cada vez mais, indagando sempre sobre o “como” e o “porquê” das coisas, pois conhecer sempre foi essencial para o homem do século passado e é ainda mais para o da atualidade.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF. 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** Entre a teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996 – Coleção Questões de Nossa Época; v.13



GIL NETO, Antônio. **A produção de textos na escola.** 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de Letramento e as práticas de Alfabetização na escola. In: **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** KLEIMAN, Ângela B. (org). São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

_____. Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 8ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MARTINS, Mª Helena. **O que é leitura.** 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POSSENTI, Sírio. **Existe a leitura errada?** Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v.7, nº 40, p. 5-18, jul/ago, 2001.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo:Parábola, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e escolarização. In: **Letramento no Brasil.** RIBEIRO, Vera Masagão (org.). São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN , Regina. **A literatura infantil na escola.** 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.